

Cooperativismo em SC: quase 2 milhões de famílias

Presidente da Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (Ocesc) e do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop-SC), também é diretor de agropecuária da Cooperativa Central Aurora Alimentos. Tem quase 40 anos de vivência no cooperativismo. Gaúcho de Lagoa Vermelha, vive em Santa Catarina há 38 anos. Presidiu a Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina (Fecoagro) e participou da administração da Cooper Leite, da Creditaipu, da Agromilk, e da Cooperativa Regional Itaipu. Também comandou por duas gestões a Creditaipu, entre outras entidades cooperativistas. Zordan atendeu a reportagem da **Coluna Pelo Estado** em fase de recuperação de dengue, doença que tem grande número de casos na região Oeste do estado. Nesta entrevista exclusiva, mostrou sua preocupação com o momento do país: “Infelizmente, nesse estágio, nada indica que o cenário econômico brasileiro melhorará em 2016. O ajuste fiscal de nada adiantará, porque é somente para embarrigar”.



[PeloEstado] - No final do mês o senhor entrega a presidência da Ocesc. Como avalia seu mandato? Quais os destaques?

Marcos Zordan - Encerro um profícuo período de oito anos na presidência do Conselho de Administração da Ocesc e do Sescoop de Santa Catarina. A defesa política do sistema cooperativista foi uma de nossas primeiras preocupações. Mantivemos intenso relacionamento com o governo federal, através dos diferentes Ministérios, e com o Congresso Nacional, além do governo do Estado e a Assembleia Legislativa. Norteou-nos, nessa atividade, tanto a elaboração e promulgação de leis em defesa do setor, quanto a aprovação de políticas de fortalecimento e dinamização do cooperativismo em todos os seus ramos. A mais expressiva conquista foi a promulgação da Lei Estadual do Cooperativismo barriga-verde, em 2015. A construção da sede própria foi outro grande avanço.

[PE] - Houve um empenho maior para a área da Educação?

Zordan - De fato, o sistema Ocesc/Sescoop ampliou as ações de atualização, reciclagem e formação profissional para dirigentes, técnicos e associados das cooperativas. A qualificação e requalificação de gestores foi destaque no período. Fo-

ram aperfeiçoados os instrumentos de assessoramento e de monitoramento das cooperativas registradas. Organizaram-se importantes missões técnicas de estudos e de intercâmbio ao exterior que permitiram uma visão contemporânea do nível de complexidade e do grau de desenvolvimento que atingiu o cooperativismo em todos os continentes. Investimos, em média, mais de 15 milhões de reais por ano em formação profissional. Em nossas ações, envolvemos 25 mil alunos no ensino básico.

[PE] - O papel da mulher no cooperativismo também teve destaque em sua gestão, não é?

Zordan - Todos os públicos foram trabalhados com foco na dinamização sistêmica do cooperativismo. A participação da mulher foi enfatizada através do programa *Mulher Cooperativista* e de seminários anuais nos quais se valorizaram as cooperativas com programas de inclusão da mulher, não só no quadro social, mas, especialmente, nos colegiados de administração, controle e assessoramento. Em todos os segmentos – inclusive naqueles onde as mudanças e transformações sociais operam mais lentamente – percebeu-se nítida evolução, com ganhos evidentes, em face da natural inclinação da mulher para a cooperação. A inclusão do jovem

também esteve no ápice das nossas prioridades através dos programas *Cooperjovem* e *Jovemcoop*.

[PE] - Como está o setor cooperativo e que ramos têm destaque, seja positivo ou negativo?

Zordan - O cooperativismo catarinense está estruturado no campo e na cidade e continua em ascensão. As 260 cooperativas catarinenses reúnem quase 2 milhões de famílias associadas. As cooperativas dos ramos Agropecuário, Saúde, Crédito, Consumo, Infraestrutura e Transporte registraram o movimento econômico mais expressivo. No dia 4 de maio, em Florianópolis, apresentaremos um completo balanço do cooperativismo catarinense. O que podemos mencionar de negativo é a elevada carga tributária: no ano passado pagamos quase 2 bilhões de reais em impostos.

[PE] - Como a Ocesc age para diminuir os impactos do atual momento econômico do país?

Zordan - Nossa missão, em última instância, consiste em trabalhar para aumentar o nível geral de eficiência e de sucesso das cooperativas catarinenses. Perseguimos esse objetivo por várias vias: a defesa política e técnica do sistema cooperativista, a qualificação de todos os atores (diri-

gente, funcionário, associado) e a melhoria da gestão.

[PE] - Qual a atuação da Ocesc para resolver a questão do milho? Qual a ameaça?

Zordan - É preciso atuar em várias frentes, estimular a produção, manter preços atrativos, ampliar a capacidade de armazenagem. É uma pena que a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) falhou na sua missão de regulação da oferta de produtos agropecuários, no mercado interno. Ela poderia evitar, por exemplo, que o Brasil exportasse sua produção de grãos e, depois, pequenos e grandes complexos industriais agonizassem pela falta de sua principal matéria-prima. A ameaça que temos é a quebraadeira geral nas cadeias produtivas da avicultura e da suinocultura.

[PE] - Como o senhor analisa 2016? Podemos esperar aumento das exportações?

Zordan - Infelizmente, nesse estágio, nada indica que o cenário econômico brasileiro melhorará em 2016. O ajuste fiscal de nada adiantará, porque é somente para embarrigar. Precisamos diminuir despesas, temos que nos cobrir com o cobertor que temos. E ainda não foi aprovado no Congresso. Os grandes problemas da economia não foram verdadei-

ramente atacados. A cadeia produtiva da avicultura industrial já fez seu papel, no campo e nas agroindústrias, reduzindo custos e aumentando a eficiência. Ampliar as exportações, em 2016, requer manter os atuais e conquistar novos mercados. O governo federal poderia ao menos reconhecer o esforço das cooperativas e ser um catalisador e não um empecilho.

[PE] - Quanto à implantação de ferrovias em Santa Catarina. O que é necessário e qual seu sentimento sobre a real efetivação?

Zordan - Depois de 30 anos de conversa e muita promessa, ainda estamos longe dessa conquista porque esse tema ainda não entrou na pauta da classe política. Quando os políticos se conscientizarem pode ser tarde demais, porque as agroindústrias do Grande Oeste de Santa Catarina estão paulatinamente se transferindo para o Centro-Oeste brasileiro. A insuficiência de milho catarinense para abastecer as gigantescas cadeias produtivas da avicultura e suinocultura obriga as indústrias de processamento da carne a buscar, todos os anos, 3 milhões de toneladas de grãos no Brasil central. Isso está se tornando uma coisa irracional e absurda. Precisamos de duas ferrovias: Oeste-Litoral e Chapecó-Centro Oeste.